

Brasília – Confronto entre a iluminação do passado e a reflexão sobre um presente em evolução constante

O Itamaraty além da arquitetura: documentação, acervos e arquivos

Eduardo Pierrotti Rossetti

Arquiteto e Urbanista

Doutor em arquitetura e urbanismo (FAU-USP/2007)

FAU-UnB – Pesquisador Colaborador Pleno

Resumo

O artigo aborda as pesquisas desenvolvidas a partir do acervo do Ministério das Relações Exteriores, o Itamaraty. A correspondência diplomática, fotografias e uma vasta gama de material desses arquivos pode ser considerada inédita, tomada como um rico material de pesquisa para enveredar por novas perspectivas sobre arquitetura brasileira, sobre Brasília, sobre o Itamaraty e sua arquitetura, referenciando novos desafios latentes para o campo da arquitetura.

Palavras-chave: Itamaraty, documentação, Brasília

Abstract

This is a critical approach about several researches possible to achieve considering Brazilian Foreign Office's archives. Diplomatic correspondence, photographs and a sort of material can be considered as brand new and a rich research material to find out new perspectives about architecture, about Brasília, about Itamaraty and its architecture revealing brand new tasks for architectural field.

Key words: Itamaraty, documentation, Brasília

As práticas de pesquisa do campo da arquitetura têm sido desenvolvidas e implementadas a partir de fontes de pesquisa que correspondem, de modo geral, aos materiais correlatos à própria produção do fato arquitetônico, ou seja: plantas, cortes e elevações, croquis e toda sorte de produtos gráficos, fotografias (fotografias da obra em processo, das fotografias da arquitetura já edificada e equipada), além de textos do autor, artigos e textos críticos sobre ele e sobre a obra, e dos artigos e textos com

diferentes graus de peso teórico que apontam correlações do projeto arquitetônico com os contextos sociais, culturais e políticos. No entanto, além destas fontes documentais, é possível ampliar o manancial documental a ser investigado com outras fontes, não apenas para complementar as fontes de pesquisa já consolidadas, mas também para revelar novas questões sobre os fatos e circunstâncias da arquitetura e do campo arquitetônico, que somente novos documentos podem contar. Assim, também torna-se inclusive possível expandir as abordagens sobre a “*Documentação*” contida no acrônimo do DOCOMOMO! Neste sentido, o objetivo deste trabalho é apontar e operar com algumas questões referentes à documentação pertencente ao Ministério das Relações Exteriores —o Itamaraty.

Mais do que um ministério transplantado do Rio de Janeiro para o cerrado, o Itamaraty corresponde às expectativas e perspectivas políticas da diplomacia brasileira desde o século XIX, exercendo uma função catalizadora na formação do Estado nacional. A força institucional do Itamaraty transcende em muito as funções comuns da diplomacia —representar, negociar e informar— sendo que sua própria história se confunde com a consolidação da República brasileira. Além disso, o Itamaraty é parte fundamental do Poder Executivo, na medida em que a parte representativa da Presidência da República não é feita no Palácio do Planalto, mas sim no Palácio Itamaraty. Além disso, as relações da instituição com uma arquitetura se estabelecem oficialmente a partir de 1897, quando a ex-residência do Barão do Itamaraty deixa de ser a sede do governo republicano —então transferido para o Palácio do Catete— e passa a pertencer à chancelaria brasileira onde permaneceria instalada até 1970, emprestando-lhe também o nome de seu título nobiliárquico para o nome do próprio palácio: Palácio do Itamaraty.

Deste modo, já é possível antever que a documentação de uma instituição deste porte se apresenta como um volume documental heterogêneo e extenso, que se encontra organizada e catalogada desde a consolidação da “Casa”. Toda essa massa documental esta sob a guarda de diferentes instâncias administrativas internas à própria instituição, armazenada parte no Rio do Janeiro, parte em Brasília, sendo compartilhada em diferentes espaços, seja na biblioteca, seja no setor de comunicação, seja na documentação sigilosa, ou francamente exposta ao público

como as inúmeras obras de arte, como o *Meteoro* de Bruno Giorgi! Os documentos, os arquivos e o acervo do Itamaraty se apresentam como um universo documental materializado em suportes (ou em categorias) distantes das especificidades do campo arquitetônico. Tal fato explica, em parte, sua pouca exploração, em que pese ser um material de extremo valor para pensar questões sobre todo o campo da arquitetura, sobre Brasília e sobre a arquitetura moderna brasileira ou ampliar a questão das relações entre a arquitetura moderna com o Estado. Como parte do vasto universo documental que o Itamaraty possui pode ser considerada a “*correspondência diplomática*”,¹ o acervo das bibliotecas, os arquivos da mapoteca, o acervo de obras de arte, os arquivos do Setor de Arquitetura —que possui projetos arquitetônicos de Oscar Niemeyer, o projeto paisagístico de Burle Marx— além dos dois edifícios-sede da chancelaria: os palácios do Itamaraty em Brasília e no Rio de Janeiro.

As fontes do Itamaraty

Para evidenciar determinadas questões e explorar os processos constitutivos e a dinâmica de um campo do conhecimento, interessam as aproximações e as estratégias historiográficas empreendidas sobre o objeto investigado, tanto quanto o próprio objeto. No caso do Itamaraty, torna-se crescentemente instigante detectar que o uso desta heterogênea gama documental (plantas e desenhos inéditos do projeto arquitetônico, as fotografias, o material da imprensa, a correspondência diplomática) contribui para formular e solucionar questões que paulatinamente se constroem nas inter-relações das fontes com a arquitetura, incluindo a vivência do funcionamento cotidiano do Itamaraty. Uma vez que as fontes de pesquisas do Itamaraty são muito substantivas, os trabalhos sistemáticos de pesquisa reforçaram o cuidado com os procedimentos de recorte, a fim de não perder os enfoques almejados em diferentes pesquisas, definindo objetivos e estabelecendo limites circunstanciais: seja para um artigo, seja para uma aula, seja para uma exposição. Assim, se as fontes se mostram crescentemente proficuas, é preciso ser cauteloso com os objetivos em questão,

¹ Denominação aqui útil para se referir às cartas, telegramas, carta-telegrama, notas diplomáticas, circulares e toda sorte de ofícios que são devidamente numerados e classificados.

quando se explora um documento, sendo estratégico deixar suas possibilidades latentes para outros trabalhos. Ou seja, uma determinada questão que se manifesta ou que deve ser periférica num artigo, pode ser retomada como a questão fundamental em outro, reconsiderando o mesmo documento, para dele extrair novas abordagens e questões. Assim, torna-se possível ampliar a complexidade não apenas das abordagens, mas das correlações estabelecidas entre o campo da arquitetura e campos conexos, numa complexidade surpreendente, a partir do Itamaraty e de suas fontes documentais.

Mesmo que a documentação sigilosa ainda não tenha sido consultada, os demais acervos documentais do **Departamento de Arquitetura**, da **Divisão Cultural** e da **Divisão de Arquivo e Documentação** têm sido bastante explorados, correspondendo às possibilidades desdobradas para além do levantamento, dos estudos das plantas e demais desenhos referentes ao projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer para o Palácio Itamaraty, inicialmente considerado. A partir dos desdobramentos decorrentes do enfrentamento de pesquisa deste material, tornou-se possível estruturar e elaborar três artigos, um curso de extensão e uma disciplina de projeto, entre 2008 e 2009, a saber:

- 1) artigo: "*Palácio do Itamaraty: questões de história, projeto e documentação (1959-70)*";
- 2) artigo 2: "*Brasília, 1959: a cidade em obras e o Congresso Internacional Extraordinário dos Críticos de Arte*";
- 3) artigo 3: "*Brasília: projeto, cidade, mídia e nação*" (em re-elaboração);
- 4) curso de extensão ou de formação continuada para aperfeiçoar os guias que monitoram a visita pública ao Palácio Itamaraty;
- 5) disciplina de Projeto Arquitetônico 6 na FAU-UnB – tema: "*Nova Embaixada do Brasil na China*";

O artigo "***Palácio do Itamaraty: questões de história, projeto e documentação (1959-70)***"² aborda as questões referenciais para o novo Palácio do Itamaraty, suas especificidades espaciais, construtivas e simbólicas. O edifício do

2 ROSSETTI. 2009. *Palácio do Itamaraty: questões de história, projeto e documentação (1959-70)*. <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq106/arq106_02.asp>

novo Palácio foi escolhido por suas complexidades programáticas, articuladas com o rigor compositivo exigido pelo agenciamento dos espaços para a sede da diplomacia, tornando-se singular para explorar o processo de elaboração de seu projeto. Na investigação deste processo, tornou-se possível apontar com maior precisão a contribuição de arquitetos, engenheiros, artistas, diplomatas e muitos outros colaboradores na discussão, na qualificação e na consecução do projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer. O artigo aborda ainda as correlações entre as duas sedes do Itamaraty, ampliando a singularidade do novo ministério na Esplanada. Deste artigo, destaca-se também a questão da varanda, como uma chave de leitura do projeto do Palácio, até então pouco explorada, bem como a modulação estrutural e espacial do projeto e a “*correção visual*” de suas arcadas.

Já o artigo “**Brasília, 1959: a cidade em obras e o Congresso Internacional Extraordinário dos Críticos de Arte**”³, problematiza a organização e o acontecimento do Congresso em meio às obras de construção da cidade, quando críticos e historiadores fundamentais para o campo das artes e da arquitetura à época vieram participar do congresso. Trata-se de uma investigação sobre os processos e estratégias de legitimação da nova cidade, para a qual concorre a atuação e o apoio institucional do Ministério das Relações Exteriores. Assim, um evento vinculado ao campo da arquitetura e das artes é explorado em suas conexões com as circunstâncias políticas e culturais, em que a discussão de seu projeto urbano e de sua arquitetura transcorre num contexto crítico exacerbado pelo fim dos CIAM's, acentuando a tensão entre o olhar estrangeiro e as perspectivas críticas internas do campo sobre a futura Capital cidade, sobre a arquitetura e sobre o país. Deste artigo, destaca-se também a utilização de material inédito sobre a organização do Congresso, contendo a relação dos participantes e de seus respectivos países, tornando possível ratificar a importância do evento para o campo.

Por sua vez, o artigo “**Brasília: projeto, cidade, mídia e nação**”⁴, que está sendo re-elaborado, investiga a divulgação de Brasília pelos meios de comunicação para legitimar a modernidade arquitetônica e urbanística do empreendimento político.

3 Trata-se do artigo apresentado no VIII Seminário DOCOMOMO Brasil – 2009.

4 Trata-se de um artigo, cuja versão preliminar está sendo revista e ampliada para futura publicação.

O artigo enfocará a imagem da cidade considerando seus vínculos, desde sua gênese, com os meios de comunicação de massa: fotografia, cinema, imprensa, rádio e televisão. Afinal, Brasília é registrada desde sempre —desde as fotos da Missão Cruls (1892) até a inauguração apoteótica com transmissão televisiva e radiofônica. A complexa estratégia de divulgação oficial inclui a participação e a colaboração do Ministério das Relações Exteriores, além da divulgação oficial também empreendida pela revista homônima, *Brasília*, e pelos filmes de divulgação da NOVACAP, além das matérias em revistas e jornais, como a entusiasmada revista *Manchete*. Assim, a nova Capital transcendeu o âmbito das revistas especializadas e passou a pautar as revistas de caráter cotidiano, veiculando a cidade e as questões do campo arquitetônico à modernização da sociedade e da nação. As imagens de Brasília contribuem para a institucionalização definitiva da estética modernista, revigorando os sentidos da modernidade alcançada pela produção arquitetônica brasileira. Esta abordagem ainda especulará sobre as correlações entre Brasília e a questão da imagem no campo arquitetônico —tema frequente nos anos 60.

Os três artigos, o envolvimento com o funcionamento e com o cotidiano do Palácio do Itamaraty em Brasília ensejou uma outra atividade decorrente das atividades pesquisas. Tais atividades incluíam as visitas a fim de proporcionar a vivência dos espaços do Palácio do Itamaraty, não apenas os salões e ambientes sociais, mas toda a imensa complexidade do programa arquitetônico organizada em seus subsolos e anexos. Foi a partir desta intensa vivência que se detectou uma grande oportunidade pedagógica. Trata-se de um curso destinado aos monitores responsáveis pela visita pública ao Palácio do Itamaraty. Neste curso, as estratégias de ensino visam proporcionar aos monitores uma aproximação qualificada para ampliar seu entendimento acerca de uma obra-prima da arquitetura moderna brasileira com a qual eles se relacionam cotidianamente, conduzindo visitantes de diferentes procedências, estratos sociais e níveis culturais: desde alunos de escolas públicas, até membros de outros corpos diplomáticos. A proposta deste curso se configura mediante às responsabilidades inerentes aos monitores quanto a correta divulgação e apresentação do Palácio do Itamaraty, pois compreender sua arquitetura exige um conhecimento específico das questões de arquitetura do Palácio, um conhecimento sobre arquitetura moderna brasileira, além do entendimento da complexidade da arquitetura de Oscar Niemeyer em Brasília.

Além disso, a oportunidade de ministrar uma disciplina de projeto arquitetônico na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília – FAU-UnB, sinalizou um outro desdobramento improvável, até mesmo para o Itamaraty. Para a disciplina de projeto na FAU-UnB, que deveria corresponder às “*funções complexas*”, o tema escolhido foi: “***Nova Embaixada do Brasil na China***”. A disciplina demanda um projeto arquitetônico com grande complexidade de funcionamento, em que espaços e funções possuem dinâmicas e hierarquias excepcionais, com graus de correlação e independência igualmente complexos. A ordem de problematização desta disciplina deve proporcionar diferentes abordagens do programa arquitetônico, das funções, das relações urbanas, dos aspectos técnicos de instalações e infra-estrutura, bem como das reflexões sobre forma, sobre os sistemas estruturais e os materiais. O tema proposto se mostra adequado ao objetivo de proporcionar aos alunos o desenvolvimento de um projeto arquitetônico de grande complexidade programática e simbólica, que deverá explorar e problematizar as questões correlacionadas ao projetar contemporâneo, considerando as especificidades de um cliente institucional, o Itamaraty. Na medida em que o projeto se torna um campo privilegiado das reflexões projetuais, a disciplina pode instigar uma investigação crítica acerca das propriedades e potencialidades do aluno refletir e propor arquiteturas brasileiras. O dado improvável é que as embaixadas e demais postos diplomáticos são projetados, reformados e construídos sob a coordenação e supervisão do Setor de Arquitetura do próprio Ministério, o que mantém o caráter especulativo de exercício projetual exclusivo da disciplina.

Outras credenciais

A documentação diplomática contida nas correspondências do Itamaraty recobra a atenção sobre o foco investigativo em questão. Em meio à comunicação oficial das cartas, telegramas, cartas-telegrama e demais meios são tratados assuntos tão díspares como: pesquisa e cotação de café, saques ou depósitos de dólares, acordos sobre foguetes, aquisição e importação de veículos, o Mercado Comum Europeu, pedidos de visto, avisos de remoções, notificação das chegadas e partidas de autoridades de seus postos ou a solicitação para destruição de documentos;

encontra-se informações igualmente heterogêneas acerca das estratégias e objetivos de divulgação do país e de sua nova Capital. Assim, explorar a correspondência diplomática trocada entre o Itamaraty e as embaixadas brasileiras, mostrou-se fundamental para ampliar o entendimento e constatar o caráter estratégico da participação da instituição para transformar a imagem do país no exterior.

Através desta correspondência, fica patente que o Itamaraty convoca o empenho de todos os postos diplomáticos nesta missão de redefinir a imagem do Brasil, incluindo a organização do *Congresso Internacional Extraordinário dos Críticos de Arte*, de 1959, dentro das perspectivas políticas do Itamaraty. Sendo parte fundamental do Poder Executivo uma vez que possui as atribuições representativas da Presidência da República, a atuação do Ministério das Relações Exteriores corresponde —guardados os devidos graus e circunstâncias— à atuação direta do próprio Presidente da República. Tal fato fica patente nas ações do Itamaraty pautadas para legitimar a consolidação do projeto de Brasília, conferindo-lhe maior autonomia política maior e um caráter menos personalista, tomando-a como legítimo projeto nacional.⁵

O Itamaraty se mostra o grande articulador de um congresso, idealizado a partir de uma idéia de Mário Pedrosa e Oscar Niemeyer. Embora fosse um evento de caráter acadêmico, o *Congresso* configurou-se desde o início como um evento político.⁶ Neste caso, além de oferecer almoços e jantares, o Itamaraty também ofereceu condições bastante favoráveis, provendo hospedagem, transporte e alimentação durante toda estadia de cada congressista. Neste sentido, a correspondência diplomática informa tanto sobre a solicitação de passagem de primeira classe para Sir William Holford e Lady Holford participarem do *Congresso*, como também evidencia que houve um interesse específico para convidar e trazer Mies van der Rohe, Walter Gropius, Phillip Johnson e Isamu Noguchi para conhecer Brasília ainda em construção.

Além da instalação deste *Congresso* em pleno canteiro das obras da capital, outras ações complementam as estratégias de divulgação de Brasília e do Brasil

5 Destacam-se os embaixadores José Oswaldo Meira Penna (Ministro e chefe da Divisão Cultural) e Maurício Nabuco. Os Chanceleres entre 1958 e 1959 são: Francisco Negrão de Lima e Horácio Lafer.

6 Vide MEIRA PENNA in Revista *Módulo* nº.15, out/1959, p.26-27.

mundo à fora, promovidas pelo Ministério. Neste contexto de construção da nova Capital é que estão as exposições sobre arquitetura, arte e sobre Brasília, montadas com painéis fotográficos, desenhos, maquetes e acompanhadas por material de propaganda, tudo produzido e custeado às expensas do Itamaraty. Entre 1958 e 1959 estas exposições estabeleceram um circuito internacional pelas embaixadas e postos diplomáticos do Brasil na Europa, na América do Norte, na América do Sul, na Ásia e na África cumprindo uma agenda que só a ação coesa da rede do Itamaraty poderia garantir.⁷ Da propaganda oficial do Itamaraty durante a construção de Brasília constam ainda muito material de propaganda —um folheto “*Brasília*”, um caderno “*Brasília*”, além de um guia da exposição do Brasil em Bruxelas— que ainda não formam explorados.

Outra questão fundamental que a documentação do Itamaraty revela sobre as estratégias de divulgação e popularização de Brasília em escala internacional é a participação deste Ministério, ainda durante as obras de construção Brasília, na organização e implantação de um programa oficial de visitas e personalidades estrangeiras. A visita inaugural deste programa coube ao escritor inglês Aldous Huxley, sendo seguida de uma extensa agenda de grupos, personalidades políticas, atores e demais celebridades, contemplando uma heterogênea gama ideológica que inclui a Duquesa de Kent, o Governador Carvalho Pinto, a Ministra de Exteriores de Israel Golda Meir, o Primeiro-Ministro do Japão, André Malraux, o cineasta Frank Capra, o Presidente da Itália Giovanni Gronchi, Fidel Castro e Luiz Carlos Prestes. O tratamento variava de acordo com o cerimonial pertinente e com os interesses em questão, mas frequentemente tais visitas eram acompanhadas por JK, por Israel Pinheiro, por outros diretores e funcionários da NOVACAP ou por Oscar Niemeyer.

Além do novo Palácio

As pesquisas sobre os própria sede do Itamaraty em Brasília mostrou-se muito significativa na medida em que evidenciou questões projetuais inéditas ou pouco exploradas pela historiografia já consolidada. O processo de pesquisa que incluía o

⁷ Recentemente o material remanescente de uma destas exposições foi explorado na montagem de uma outra exposição feita na Embaixada do Brasil em Berna: *Brasília — do nada à realidade. Presença de Oscar Niemeyer* [“*Brasília — eine stadt aus dem nichts. Auf den spuren Oscar Niemeyers*”]; vide catálogo homônimo da exposição.

contato direto com as plantas e muitos desenhos pertencentes ao Setor de Arquitetura possibilitou estabelecer uma perspectiva articulada entre as duas sedes da chancelaria brasileira, definindo um arco temporal instigante entre o século XIX e a produção pós-60, uma vez que a antiga sede é também a matriz do novo Palácio. Além de organizar as correlações da nova sede da chancelaria com o projeto urbano de Lucio Costa, as pesquisas apontaram para o caráter imprescindível da participação de diplomatas como José Oswaldo de Meira Penna, Wladimir do Amaral Murтинho, Luiz Brun de Almeida Souza e Rubens Antonio Barboza. Assim, tornou-se possível ampliar a trama social dos agentes envolvidos no projeto para além de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Joaquim Cardozo e Burle Marx, incluindo a colaboração desses diplomatas da Casa com arquitetos, urbanistas, calculistas e artistas, considerando então as colaborações dos arquitetos Olavo Redig de Campos, Milton Ramos, Jayme Zettel e Roberto Scorzelly, do engenheiro-calculista Samuel Rawet e dos artistas Bruno Giorgi, Alfredo Ceschiatti e Athos Bulcão, empenhados para o sucesso do projeto de Oscar Niemeyer.

Desta nova abordagem do Palácio do Itamaraty duas questões emergem: a varanda e a arcada. Neste projeto, Niemeyer domina a complexidade arquitetural intrínseca ao programa e sem exacerbar sua fala de praxe em defesa da liberdade da concepção formal, ao mesmo tempo em que opera com a imagem do fato arquitetônico e mantém o vigor da qualidade dos espaços e de sua materialidade. Enquanto a arcada permanece como o fator imagético apreendido pelo visitante e pelo usuário, o arquiteto transforma o funcionamento da instituição. Assim, o arquiteto revoluciona sua própria arquitetura, revigorando e subvertendo os significados que só ele mesmo pode instaurar na *praxis* de seu discurso, ratificando sua convicção política, sem alarde, através dos usos intrínsecos à varanda.

Para tanto, a estratégia projetual do Palácio prioriza o vazio como fator organizador do poder ali representado, configurando um espaço contínuo por entre tapetes, poucos móveis e muitas obras de arte. O acervo de obras de arte do Itamaraty é primoroso, incluindo trabalhos de Bruno Giorgi, Debret, Tommie Ohtake, Athos Bulcão, Ceschiatti, Milton Dacosta, Manabu Mabe, Candido Portinari, Mary Vieira, um afresco de Volpi, além de desenhos pinturas do século XIX, e de presentes

de visitantes, como o secular biombo chinês. Este acervo tão próprio a um museu demandaria outras abordagens específicas, investigando a sua organização e os seus usos, uma vez que o Palácio é visitado publicamente, além de receber inúmeros convidados em razão de suas atividades sociais.

Especificamente sobre as relações entre o Itamaraty e Oscar Niemeyer, seria muito importante clarificar as qualidades da contribuição da instituição com a revista *Módulo*, bem como as condições e circunstâncias para a elaboração do projeto arquitetônico do Anexo 2 do Palácio, quando o arquiteto estava auto-exilado na França. Outra questão que ainda não pode ser trabalhada poderia revelar as complexidades do projeto de pré-fabricação dos apartamentos para diplomatas que foi aventado e parcialmente empreendido na SQN107 —superquadra 107 Norte— incluindo a colaboração do arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé e a parceria com a Universidade de Brasília. Outros desdobramentos ainda pouco explorados em relação ao Palácio precisam ser elaborados, tomando com maior precisão e foco investigativo, tais como: o projeto paisagístico de Burle Marx; a colaboração específica de Athos Bulcão com a integração das obras de arte e seu diálogo com Niemeyer na definição das soluções; a qualidade dos espaços internos (“a arquitetura de interior”); as questões construtivas da arcada e da estrutura do Palácio.

Novas missões

Mais do que um novo nicho de pesquisas acadêmicas, a investigação da vasta massa documental pertencente ao Ministério das Relações Exteriores —o Itamaraty— pode contribuir para a ampliação dos enfoques e abordagens comuns e já consagrados ao campo arquitetônico, trazendo novas questões, pautando novos limites, estabelecendo outras correlações e especificidades, contribuindo assim efetivamente para compreender a própria instituição, a arquitetura brasileira, a arquitetura moderna e a consolidação de Brasília.

Aqui, nesta concisa abordagem, menos do que resolver e solucionar, interessa apontar as pesquisas em curso e os desdobramentos latentes que a documentação, os acervos e os arquivos do Itamaraty possuem. A complexidade da obra arquitetônica

não se origina idealmente isolada dos contextos sociais, políticos e culturais, na prancheta de um arquiteto, desdobrando-se portanto muito além das questões que inicialmente pautaram a investigação do Palácio do Itamaraty para um único artigo. Somente o reconhecimento dos próprios processos históricos da arquitetura brasileira pode instaurar outros nexos para a abordagem e para a compreensão das complexidades do nosso campo arquitetônico. Afinal, além de pautar a reflexão sobre os próprios processos, a pesquisa pode ter também a função de excitar a imaginação e instigar o projetar.

Referências bibliográficas

- Anais do Congresso Internacional Extraordinário dos Críticos de Arte – 1959*. São Paulo, Biblioteca do MASP, 1959. Versão xerográfica, 169p. s/ imagem.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e Destino*. São Paulo: Ática, 2001.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Ática, 2005.
- BOJUNGA, Cláudio. *JK o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- Brasília — do nada à realidade. Presença de Oscar Niemeyer* [“*Brasília — eine stadt aus dem nichts. Auf den spuren Oscar Niemeyers*”]; Catálogo da exposição; Embaixada do Brasil em Berna e Escola Técnica Superior de Arquitetura, 2006.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1981.
- CASTRO, Flávio Mendes de Oliveira. *História da organização do Ministério das Relações Exteriores*. Brasília: Ed. UnB, 1983.
- Coleção Brasília*. Presidência da República, 1960. 11 volumes/18 tomos
- Correio Braziliense*. Edições: 19/set/1966; 20/set/1966 e 21/abril/1970
- COSTA, Lucio. *Lucio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- A estreita porta da diplomacia*. In Revista MANCHETE nº.373, 15/junho/1957, p.66-69.
- FICHER, Sylvia. Brasília. in *Revista Projeto* n.242, abril/2000. p.48-52.
- FOUCAULT, MICHEL. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1997.
- FRAMPTON, Kenneth. *História Crítica da Arquitetura Moderna*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- GOODWIN, Philip. *Brazil Builds: architecture new and old. 1652-1942*. Nova York: MoMA, 1943.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo, 1996.

L'Architecture D'aujourd'hui nº.171, 1974. Caderno especial dedicado a Niemeyer.

Revista Manchete: 13/junho/1957 e 28/março/1970 e 25/abril/1970.

MEIRA PENNA, José Oswaldo de. Depoimento ao Arquivo Público do Distrito Federal. Brasília, 1990.

MENDES, Manuel. *O cerrado de casaca*. Brasília: Thesaurus, 1995.

MURTINHO, Wladimir do Amaral. Depoimento – Programa de história oral. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 43 p.

NIEMEYER, Oscar. *Quase memória: viagens, tempos de entusiasmo e revolta – 1961-66*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

NIEMEYER, Oscar. *Minha arquitetura: 1937-2004*. Rio de Janeiro, Ed. Revan, 2004.
Oscar Niemeyer à frente de seu tempo. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal (Série Textual 4), 2008.

OLIVEIRA, Márcio de. *Brasília: o mito na trajetória da nação*. Brasília: Paralelo 15, 2005.

RIBEIRO, Guilherme Luiz Leite. *Os bastidores da diplomacia: o bife de zinco e outras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. *Arquitetura em transe. Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Lina Bo Bardi: nexos da arquitetura brasileira pós-Brasília (1960-85)*. São Paulo: FAU-USP, 2007. Tese de Doutorado.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. *Palácio do Itamaraty: questões de história, projeto e documentação (1959-70)*. *Arquitextos* 106. São Paulo, Portal Vitruvius, março/2009.
<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq106/arq106_02.asp>. Acesso: julho/2009.

SANTOS JÚNIOR, Evaristo C.R.. *A Estrutura do Palácio do Itamaraty: aspectos históricos, científicos e tecnológicos de projeto, execução, intervenções e recomendações de manutenção*. Brasília: FAU-UnB, 2004. Dissertação de Mestrado.

SEGAWA, Hugo. *Arquitetura no Brasil 1900-1999*. São Paulo, Edusp, 1998

STEVENS, Garry. *O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica*. Brasília: EDUnB, 2003.

TAFURI, Manfredo. *Teoria e história da Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença. 1988.

Agradecimentos: Ministério das Relações Exteriores (MRE), Min. Paulo César de Camargo (MRE), Embaixada do Brasil em Berna, Sec. Henrique A. Ferrari (MRE), Roberto Luiz Arraes Lopes (MRE), Antonio C. Xavier (MRE), André V. Lino de Souza (MRE), Arq. Antonio Aníbal da Motta e Arq. Patrício Porto Filho (MRE) e Sylvia Ficher.